

# Revista

## da Escola Normal de S. Carlos

---

Propriedade e redacção do corpo docente

### SUMMARIO

- JOAO TOLEDO . . . . . *Os ideaes nacionaes e as escolas elementares*  
Da 12a. cadeira
- MARIANO DE OLIVEIRA . . . . . *Escolas Normals*  
Director da Escola Normal
- CARLOS DA SILVEIRA . . . . . *Questões de ensino normal*  
Da 11a. cadeira
- EZEQUIEL DE MORAES LEME . . . . . *Questões do ensino*  
Da 9a. cadeira
- A. PROENÇA . . . . . ( *A escola e a caserna*  
Da 13a. cadeira ( *Ensino primario*
- J. & C. . . . . *Pedagogia*
- SEBASTIAO PAULO DE TOLEDO PONTES . . . . . *21 de Abril*  
Da 7a. cadeira
- MARIO NATIVIDADE . . . . . *Um problema de annuidades*  
Da 5a. cadeira
- RAPHAEL FALCO . . . . . *Fim do desenho nas escolas primarias e normaes*



371.1(81.61)3

## PEDAGOGIA

### CONCEITOS ANTIGOS (*medievaes*)

Ausencia de cultura physica  
Professorado de occasião

Intellectualismo exclusivo  
Educação para certas classes  
Preconceitos contra a mulher  
Recitação das lições pelo professor  
Aprendizado mnemónico

Instrucção—erudição  
Ensino dogmatico  
Passividade dos alumnos  
Muitos preceitos e poucos exercicios  
Predominio das linguas mortas

A autoridade dos DOUTORES  
Accumular conhecimentos sem um fim  
A moral sectaria, por principios

Especulações theoricas  
A criança sujeita aos methods  
A disciplina violenta de coerção  
A escola confessional  
Contrariar a natureza para dominá-la  
Ensino primario cosmopolita

### REACÇÃO MODERNA (*critico-naturalistica*)

- 1 Cuidados maximos quanto ao corpo
- 2 Preparo cada vez maior da classe professoral
- 3 Preponderancia da educação moral
- 4 Educação para todos
- 5 Igualdade dos sexos
- 6 Explicação das lições
- 7 Cultura dos mais elevados poderes mentaes
- 8 Assimilação das questões estudadas
- 9 Exame das noções em estudo
- 10 Aprendizado activo
- 11 Muitos exercicios e poucos preceitos
- 12 Predominio das linguas vivas, principalmente da materna
- 13 O estudo da natureza
- 14 Formar aptidões para a vida
- 15 A moral pela pratica do bem, do verdadeiro e do bello
- 16 Efficiencia social
- 17 Os methods adaptados ás crianças
- 18 A disciplina suave de persuasão
- 19 O ensino leigo
- 20 Obedecer a natureza para dominá-la
- 21 Ensino primario nacionalista

São Carlos, 1920.

J. & C.

## FIM DO DESENHO NAS ESCOLAS

### PRIMARIAS E NORMAES

Já por varias vezes tenho tentado esplanar as minhas idéas sobre a finalidade do desenho nas escolas preliminares e o conveniente encaminhamento do seu ensino nas escolas normaes, aliás mais ou menos estabelecidos pela opinião de varios luminaries da pedagogia moderna.

A dificuldade, porém, em systematizar as razões fundamentaes que justificam essas idéas, os varios aspectos que se podem dar ao ensino de desenho e os beneficios que o seu exercicio sempre proporciona aos aprendizes, me tem levado a protelar este trabalho. Fazendo-o agora, é possível que me aventure ainda em affirmativas prematuras, embora me pareça ter chegado ás conclusões finaes do ensino de desenho.

\*  
\*\*

Para o professor a necessidade de conhecer o fim a que se destina uma materia é indiscutivel, imprescindivel. Nunca poderá dar conscientemente um desempenho cabal á sua missão, desde que não tenha pensado maduramente em toda a ossatura do seu trabalho e no objectivo do seu ensino. Só canalizando os seus esforços, as suas tentativas, as verdades do seu saber para um determinado fim, o fim necessario e conveniente, é que poderá conduzir o educando ao gráo maximo de que este necessitará, talvez em sua actividade futura. De outro modo o trabalho será *dispersivo* sinão *inutil* e o professor só terá successo feliz si encontrar disposições favoraveis ao alumno. Vejamos um exemplo.

## FIM DO DESENHO NAS ESCOLAS

### PRIMARIAS E NORMAES

Já por varias vezes tenho tentado esplanar as minhas idéas sobre a finalidade do desenho nas escolas preliminares e o conveniente encaminhamento do seu ensino nas escolas normaes, aliás mais ou menos estabelecidos pela opinião de varios luminaires da pedagogia moderna.

A difficuldade, porém, em systematizar as razões fundamentaes que justificam essas idéas, os varios aspectos que se podem dar ao ensino de desenho e os beneficios que o seu exercicio sempre proporciona aos aprendizes, me tem levado a protelar este trabalho. Fazendo-o agora, é possível que me aventure ainda em affirmativas prematuras, embora me pareça ter chegado ás conclusões finaes do ensino de desenho.

Para o professor a necessidade de conhecer o fim a que se destina uma materia é indiscutível, imprescindível. Nunca poderá dar conscientemente um desempenho cabal á sua missão, desde que não tenha pensado maduramente em toda a ossatura do seu trabalho e no objectivo do seu ensino. Só canalizando os seus esforços, as suas tentativas, as verdades do seu saber para um determinado fim, o fim necessario e conveniente, é que poderá conduzir o educando ao gráo maximo de que este necessitará, talvez em sua actividade futura. De outro modo o trabalho será *dispersivo* sinão *inutil* e o professor só terá successo feliz si encontrar disposições favoraveis ao alumno. Vejamos um exemplo.

Imaginemos que numa escola normal, em que é necessario accidentalmente ministrar conhecimentos de perspectiva, de plan-tas ou secções etc., sob a dose homeopathica necessaria á clareza completa de um trabalho, os elementos indispensaveis, embora theoreticos, para o traçado intelligente e expressivo de uma sombra, uma noção summaria sobre imagens reflectidas, si o ensino chegar a tanto, eu me detivesse na util mas fastidiosa theoria da perspectiva linear e na perspectiva das sombras, nos reflexos e anamorphoses, a traçar ou a fazer traçar «piédouches,» birros, roscas, fachadas, arcos, projecções de molduras e volutas, escadas em caracol; a estudar planos e rebatimentos, pontos brilhantes, distribuição de sombra e de luz, épuras e mais applicações. Eu teria evidentemente perdido o meu tempo e o teria feito perder aos alumnos pelas razões seguintes:

- a) porque o tempo é escassissimo para um desenvolvimento dessa natureza;
- b) porque os alumnos, salvo rarissimas excepções, não ligam a menor importancia a esse genero de trabalho, alheio ás suas vocações;
- c) porque os alumnos não se vão utilizar desses conhecimentos na pratica do magisterio;
- d) porque os alumnos perdem o ensejo de adquirir o que lhes é mais essencial para as lições ás classes preliminares, isto é, a pratica de desenhar livremente, o desembaraço de traçar as fórmas da natureza com maior ou menor perfeição.

Com um ensino daquella ordem eu poderia ter-me mostrado, quando muito um conhecedor profundo de minha materia, com pretensões áquelle professor suiso que para mostrar aos seus discipulos a enorme sciencia que possuía, dizia-lhes: — Sobre esta materia eu só conheço dois professores inteiramente sabios: o outro está em Genebra.

O que se dá em desenho, dá-se com toda a materia sobre a qual o professor faz divagações ou entra em funduras sem cabimento. E' o que se dá parallelamente no estudo da lingua nacional. Ha perda de tempo quando as lições praticas desta são substituidas pelo latim, cuja inutilidade para o fim a que se destina o professor é clamorosa. E que perda! Quanta belleza extraordinaria na vasta literatura de nossa lingua poderia ser aproveitada para a cultura esthetica dos noveis professores, que acendrado amor não se difundiria em seus corações com o culto assiduo aos artistas que, immortalizando-se, tanto enaltecerao nossas letras!

O latim, não ha duvida alguma, é de grande vantagem para o conhecimento do vernaculo; é indispensavel para quem deve fazer um curso especial do idioma patrio; não ha tambem

entre aquelles que o estudam *uma vida inteira* quem não o exalte pela sua excepcional riqueza e esplendor. A sua pratica é, no entanto, inadmissivel no curso estreito de uma escola normal, bem como ninguem provou que proporciona beneficios ou vantagens ao estudo que nestas escolas se faz.

É evidente, pois, que tomar o tempo com aquillo que não pode ser ministrado de uma materia, embora seja cabedal de importancia para o seu conhecimento profundo, é prejudicar de maneira grave os interesses do estudante, que visa um objectivo diverso em sua carreira, lesando a parte da materia que lhe é mais necessaria ao exercicio de sua profissão.

O desvio de ensino do desenho pratico para o estudo theorico é um erro funesto nas escolas normaes. Do mesmo modo seria funesto o desvio do estudo para a contemplação exclusiva da natureza, para a aquisição intuitiva de conhecimentos, num curso tecnico como o de architectura ou de desenho industrial para o qual são imprescindiveis a geometria descriptiva em toda a sua extensão, a perspectiva e a theoria das sombras especialmente.

Tudo depende do objectivo que se visa na escola.

\*  
\*\*

O fim principal da escola primaria é sem duvida alguma educar, isto é, aperfeiçoar os sentidos e o corpo pelo exercicio, fortalecer e desenvolver a intelligencia pela instrucção, formar a alma atravez dos exemplos dos grandes vultos de nossa historia, isto é, desenvolver a criança sob o duplo ponto de vista do corpo e do espirito.

Como completar o duplo objectivo da educação?

Nenhum modo me parece mais racional do que adaptando o ensino ás condições dictadas pela natureza.

Si a natureza é a unica fonte em que os homens tem bebido, desde os primordios da sua civilização, as leis da sciencia e do bello, si educou a humanidade no decorrer dos seculos, ella continuará sabiamente a guiar os passos da nossa infancia escolar e a dictar as leis da verdadeira pedagogia.

É o que nos ensinam os mestres e o que confirma a cada instante a experiencia. A criança, quanto mais directamente se põe em harmonia com a natureza, tanto mais facil e completamente consegue desenvolver as suas facultades intellectuaes, moraes e physicas. Levada pela natural necessidade de movimento, pela curiosidade e vivacidade de espirito que resultam dos appetites sensoriaes, a criança se vê lançada desde cedo num circulo de acções e reacções beneficas ao seu desenvolvimento harmonico.

Em todas as lições, nos trabalhos manuaes, no desenho, na gymnastica, na musica, nas palestras paternaes do mestre, na mathematica elementar que deve ser tanto quanto possivel objectiva e pratica, nas sciencias physicas e naturaes, cujas experiencias e observações devem ser executadas pelos alumnos, têm estes o ensejo de exercitar os sentidos. E assim continuam atravez dos herbarios, dos aquarios, dos canteiros para a cultura de plantas que tão grande influencia exercem sobre a educação da criança, pela quantidade de conhecimentos que fornecem e pelo grande interesse que despertam.

Da somma incessantemente augmentada de impressões, da actividade constante resulta o desenvolvimento das facultades intellectuaes, continuamente postas em jogo, e de qualidades moraes, a formação de uma intelligencia sã e harmonica que não se poderá conseguir só entre as quatro e aridas paredes de uma escola. *Le developpement de leurs facultés reposent sur l'effort personnel*, diz Buysse, referindo-se aos alumnos das escolas primarias norte-americanas.

Sendo a escola creada para este fim, isto é, para educar e não para instruir tão somente, posta a criança no trabalho da auto-educação, sob as excitações sabias do professor, vejamos qual é o papel do desenho.

O seu papel cooperador na educação infantil é indiscutivel. As maiores summidades em materia pedagogica já lhe tem feito os elogios que merece e que aliás se impõem.

De todas as materias preliminares é o desenho que pode seguir a par e passo o desenvolvimento das outras. Si é util quando estudado em si, como materia componente do programma preliminar, a sua vantagem para a clareza das outras, dada a sua qualidade essencial de synthetizar e precisar as coisas e os factos, é muito grande. Quem não terá já sentido o beneficio de uma illustração que concretize as imagens necessarias á comprehensão de um trecho escripto?

Quando as imagens não podem ser indifferentemente creadas pela imaginação, porque ellas devem ser precisas, definidas, não ha leitura possivel. Por maior esforço que o espirito faça em acompanhar o encadeamento dellas, nunca chega a construir utilmente a figura descripta. Não ha esforços uteis de imaginação nesse sentido visto que as imagens evocadas não condizem com a realidade e variam, a não ser na analogia, de individuo para individuo. Tratando-se de imagens definidas, determinadas, não se pode prescindir de um desenho claro, uma vez que não se tenha o original á mão.

A sua vantagem, porem, não pára ahí. Todas as phantasias que a nossa imaginação crêa quando lemos um romance suggestivo, todo o mundo de imagens evocadas que são em gran-

de parte o que vimos ou sentimos em modulações novas e que nos embalam tão docemente, nos arrebatam, produzindo-nos as mais variadas emoções, quantas vezes não desejamos ver realizadas ou concretizadas num quadro? Quantos não são arrastados pelo interesse ao cinema ou ao teatro na doce expectativa de assistir, sob a forma material, ao desenrolar de scenas que já acariciaram no espirito? O desenho, portanto, torna mais interessante e vivo aquillo que lemos porque orienta as nossas imagens e nos faz ver de *visu* o que a nossa imaginação esboça completamente.

Que inestimaveis serviços poderá prestar ao professor bem orientado, quando empregado no decorrer das lições, pela clareza que a estas proporciona e pelo interesse que desperta nos alumnos!

Notemos ainda que a criança é inclinada ao desenho. Tem-no como um meio de expressão; não ha nenhuma que não rabisque ou garatuje, pela sua peculiar actividade, na areia, nas paredes, onde quer que seja, num pedaço de papel, a lapis ou a penna, a preto ou a côres, as multiplas impressões que vae tendo ou que já teve. Desenha no ar, pois a sua gesticulação não passa ás vezes de um arremedo ás linhas que representam no espaço as phantasias da sua imaginação. Dificuldade ao desenhar? Que lhe importam as que apparecem, embora sejam difficeis como lançar uma ponte sobre um rio ou viajar para Marte, si as difficuldades ella as acolhe com igual prazer? E até parece que o seu prazer augmenta na proporção da vida existente no assumpto a desenhar: mais entusiasmo lhe dá a procissão da roça que o arco com que brinca.

Ora, é de sã pedagogia que o professor se aproveite das aptidões naturaes ou das inclinações dos seus alumnos para educal-os. Em vez de impedir que a criança desenhe, por lhe parecer perdido o tempo, deve excital-a em todos os assumptos para o exercicio dessa actividade, guiando intelligentemente os seus esforços e o seu trabalho.

O desenho será de vantagem ainda nas mãos da criança não só porque satisfaz a actividade desta, mas porque precisa, define as imagens que se formam em seu espirito.

Disse, ao começar esta parte, que o seu estudo, tomado isoladamente, é util. Parece não haver duvida, principalmente numa epoca como a de hoje, em que a corrente utilitaria é dominante.

Nós sabemos que o desenho é a base de todas as artes plasticas e atravez d'elle se architectaram todos os engenhos humanos que industrializam a materia prima, que vencem as distancias e approximam povos; sabemos que, si ao engenheiro é dado calcular a resistencia dos materiaes, todo o systema de

forças de que dependem a solidez e o equilibrio de um edificio, ao desenhador cabe a organização deste edificio, interna e externamente, a sua decoração architectonica e o equilibrio esthetico; conhecemos do desenho a sua vasta applicação nos mais oppositos ramos da actividade humana. A sua utilidade é, pois, clara. Não devendo ser ensinado certamente para transformar as crianças, na escola, em pequenos artifices, coisa inteiramente banida de qualquer espirito sensato, será util no entanto por lançar, no espirito das crianças, durante os quatro annos de apprendizado preliminar, as bases rudimentares do traçado linear, das sombras, das côres e da arte decorativa, colhidas intuitivamente nas observações diarias, bases que poderão fructificar mais tarde.

Das qualidades, porem, a que se distingue sobremaneira é a de cooperar na educação da criança.

Não sou dos que pensam que o exercicio constante sobre um determinado trabalho tenha, apenas, como consequencia a educação especifica relativa a esse trabalho, sem que d'elle resulte um beneficio geral para o individuo; creio, embora não se tenha chegado a um modo de ver unico, na educação cruzada, isto é, naquella em que pelo exercicio de certo trabalho se desenvolvem aptidões ou qualidades que convêm ou se transferem a outro genero de trabalho. Não posso comprehendere que atravez do exercicio constante de logica que um mathematico faz em seus trabalhos, toda a sua aptidão se especifique para as questões referentes á mathematica. Porque não admittir a transferencia de aptidões, pelo menos, entre as questões cor-elatas? Para que se ensinam o desenho, a modelagem, a musica ás crianças si ninguem cogita da educação especifica, mas dos efeitos educativos geraes dellas?

O desenho, pondo em exercicio as faculdades da alma e o sentido da vista, aperfeiçoa-os. Educa o julgamento da criança, forma-lhe uma imaginação sadia, cultiva a attenção e a memoria, adestra a mão, desenvolve o amor pelo bello e pelo verdadeiro.

Desde os seus primeiros dias de escola, a criança põe-se a desenhar aquillo que o professor lhe pede ou lhe mostra. Não se inicia, porque fóra da escola se occupou espontaneamente do desenho; faz os seus rabiscos que, como é natural, têm todas as imperfeições e descuidos imaginaveis. Sem poder assegurar que os seus traços correspondam a uma imagem interna (do espirito) suggerida pela natureza, pelo facto apenas de não condizerem com o realismo visual, o que para mim é obra simples da sua inhabilidade insipiente, noto, porem, que os seus desenhos, na quasi totalidade dos casos, apesar de serem puro convencionalismo, typo infantil, revelam de maneira eloquente os objectos modelos. Ha signal, portanto, de que a criança exercita grandemente a sua acuidade visual; observa as partes constitutivas do modelo,

confronta-as, atilando o seu juizo sobre as coisas, fazendo rudimentarmente o trabalho mental da analyse. Nas reproduções de memoria, sujeitos os trabalhos á critica do professor, nota as incongruencias que commetteu: tal curva, tal detalhe ou peça não poderiam ser representadas como fez porque no natural não existem. Nas composições, a mesma critica judiciosa; — Porque fez o homem do tamanho da casa? Não devia ter feito aberta a bocca do cão por estar cansado? Não percebe que um rio não pode ser tão grande como o pé do menino? Como se vira a canôa?

Como em tudo, indo a critica gradativamente, das linhas geraes aos detalhes, do mais facil para o mais complexo, parece claro que as percepções do mundo sensível se tornem mais precisas no espirito da criança. Habituada no fim do curso preliminar ao exame das coisas, a considerá-las justamente como ellas são ou existem, ha de com certeza precaver-se contra as creações do seu espirito, cuja possibilidade seja problematica. Si sabe ver bem, saberá imaginar sadiamente.

Ajuizar sobre as coisas é trabalho constante de quem desenha, quer compondo como copiando do natural ou rememorando. É como não ajuizar si o trabalho é da intelligencia, si o desenho é uma serie de affirmações sobre o contorno dos objectos, sobre as suas proporções, sobre a sua posição no espaço, sobre a côr, sobre o conjuncto, emfim, dos dados que o individualizam? Não se julgue o desenho pelo que é como simples representação graphica correspondente ás impressões visuaes mas pelo que é como resultado das indagações feitas sobre os objectos.

É evidente que toda indagação reclama o exercio da attenção, pela qual a criança se obriga, bem a seu gosto, a ver justo (desconte-se a relatividade da expressão), a precisar, a enumerar, a avaliar, a discriminar as partes do seu modelo. Pela continuação do exercicio dessa faculdade, bem dirigida, o educando chega ao *habito de ver e observar*.

Todo desenho deve tender para dois objectivos: agradar aos olhos (objectivo artistico) ou esclarecer o espirito (objectivo utilitario). A criança trabalha para os dois objectivos, preocupando-se mais com satisfazer a sua tendencia esthetica. Deseja *fazer bonito*. É coisa commum ver-se a criança em aula reclamar do professor a má posição do seu modelo. Para ella, e aliás para todos, ha nelle um lado mais expressivo que a contenta, que corresponde melhor aos seus desejos, ao seu gosto. Quer finalmente, atravez da representação graphica, admirar o seu modelo tal como existe, com as particularidades que o integralizam.

O desenho, pois, cultiva o sentimento do bello e do verdadeiro.

Elle é na escola preliminar materia basica de educação. Applicado livre e largamente em todos os trabalhos, nas lições de coisas e de historia, no estudo das plantas e animaes, nas composições escriptas, nas illuminuras, na calligraphia bem como estudado em si, seu fim é, como vimos cooperar no desenvolvimento harmonico da criança quer sob o ponto de vista da intelligencia e sentimentos superiores como sob o ponto de vista physico de adestrar a mão, de habituar a ver e a observar, de aguçá-la a vista.

\*\*

Consideremos agora o fim do desenho nas escolas normaes.

Tanto quanto fôr possível, nestas o ensino deverá ser feito como nas preliminares; apenas o trabalho deixará de ser o *exercicio espontaneo* que correspondia á actividade da creança para ser a *obrigação escolar*.

Não mais a permissão do professor para os trabalhos *livres* de imaginação, medida conveniente ao desenvolvimento da criança; não mais a *critica emmulativa* apenas, as notas de encorajamento, o lembrar novas ideias somente em vez de corrigil-as, etc.; agora as lições attrahentes, a critica necessaria e justa, as *razões*, as notas equitativas, as correções que poupam tempo; antes o emprego de todos os meios de desenho simultaneamente — as côres, o carvão, a tinta nanking, o lapis e a penna na mais livre applicação; agora a systematização de conhecimentos, a seriação de difficuldades — o traçado, a sombra, as côres e a composição, com a predominancia da ordem sobre a espontaneidade de assumptos e sobre a simultaneidade de meios.

Não se deprehenda do que acima fica dito que toda a espontaneidade do alumno seja impedida como nociva. Absolutamente não; ella continuará a revelar a originalidade e o temperamento do alumno, como resultado benefico do habito adquirido na escola preliminar. Como o tempo é escasso, porem, e o fim diverso, urge apenas convergir esforços no sentido de attingir este fim.

Não fugir das linhas geraes do methodo applicado nas escolas preliminares, isto é, *ver o natural, lembrar-o, imaginal-o em combinações novas, applical-o para o fim util* (illustrar lições) ou *para o fim artistico* (arte decorativa), fica o professor na escola normal em condições de extender os conhecimentos dos seus alumnos ou de assental-os em normas definitivas, mostrando ainda aos noveis professores, atravez do seu methodo vivo, a maneira de se conduzirem mais tarde perante as crianças no ensino do desenho.

Este lado methodologico é de grande importancia: porem é

de importancia maior a *habilidade de mão* que o professor precisa adquirir no curso normal. Como vimos atrás, o desenho é o meio de objectivação mais frequente do professor, porque este nem sempre tem á mão os objectos para o seu ensino ou não pode trazel-os á presença dos alumnos. Vimos tambem quanto é capaz um bom desenho de tornar attrahentes, interessantes as lições por ser elle a linguagem familiar da criança e por precisar imagens.

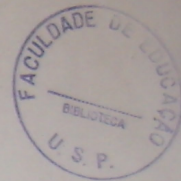
O fim do desenho, portanto, nas escolas normaes é preparar professores que tenham, alem de certa technica especial e boa comprehensão das coisas no espaço, capacidade de traçar promptamente as figuras necessarias á sua lição.

O gosto, como resultante esthetica do desenho, deve ser cultivado atravez dos exercicios de classe, num meio escolar adequado, na copia de objectos de arte — vasos caprichosos, estatuetas; no estudo da flora, de onde se tiram as formas estylisaveis para os arranjos decorativos; no estudo de animaes e dos objectos de uso commum, *mediante a suggestão de boas gravuras ou desenhos.*

Ao terminar, devo dizer que o desenho nas condições em que está nas escolas normaes, organizadas de forma aristocratica e doentia, é uma materia deslocada, posta em plano de 2.<sup>a</sup> ordem, inutilizada pela inapplicação constante nas muitas materias em que podia ser de proveito. E' explicavel, por isso, o desinteresse que lavra entre os alumnos apezar dos esforços de todos os professores em tornar attrahente o estudo, desorientando-o por vezes para fins artisticos injustificaveis, para exposições finaes de anno que são quasi sempre a mais nefasta das mentiras.

A sua applicação assidua nas lições em que fôr conveniente é eloquentemente bastante para infundir no espirito dos alumnos a necessidade do seu ensino e por consequência a necessidade de o aprenderem melhor. A applicação vale mais que os conselhos mais avisados.

RAPHAEL FALCO  
(Professor de desenho)



## ENSINO PRIMARIO

Secção organizada pelo prof. A. Proença (Da 13.<sup>a</sup> cadeira)